

## **Juventude e formação de professores**

Revista *Presença Pedagógica* nº 97 (edição janeiro/fevereiro de 2011)

**Maria Zenaide Alves \***

**Simone Grace Paula \*\***

\* Pedagoga, doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG. Bolsista do CNPQ. Integrante do Observatório da Juventude da UFMG.

*E-mail:* zenpiaui@yahoo.com.br

\*\* Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG, sob orientação do professor doutor Juarez Tarcísio Dayrell, integrante do Observatório da Juventude, professora do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde da Universidade FUMEC.

*E-mail:* sgracepaula@gmail.com

Eles não são mais crianças e ainda não chegaram à idade adulta. Os jovens demandam práticas educativas específicas, que levem em conta o corpo em transformação, os sentimentos, as dúvidas e as demandas próprias dessa fase da vida.

Acreditamos que os cursos de formação de professores não podem perder de vista a especificidade dos sujeitos das práticas educativas, sejam eles crianças, jovens ou adultos, como já apontava Rousseau no seu clássico *Emílio*, de 1762. É sabido que a infância já vem sendo objeto de preocupação da pedagogia há algum tempo e que, mais recentemente, a categoria “jovens e adultos” aparece nos discursos pedagógicos como sujeitos de direitos de uma educação diferenciada. A juventude e a condição juvenil, no entanto, ainda carecem de práticas que não infantilizem e nem “adultizem” os jovens dentro da escola. Assim, temos trabalhado na perspectiva do que chamamos de uma pedagogia da juventude, capaz de pensar práticas educativas necessárias para lidar com um corpo em transformação, com os afetos, sentimentos, dúvidas, questionamentos, simbolismos e demandas próprias dessa fase da vida.

Atentas à complexidade das questões relativas aos sujeitos das práticas educativas – professores e estudantes - e à própria cultura escolar, pretendemos

problematizar a condição desses sujeitos, levantando alguns eixos possíveis para a construção de um processo de formação docente que subsidie o professor na reflexão e/ou transformação de sua prática pedagógica dentro dos limites institucionais que lhe são impostos. Para guiar o leitor, inicialmente apresentaremos uma visão geral do contexto onde se inserem as questões aqui levantadas. Em seguida, traremos algumas reflexões acerca dos sujeitos socioculturais das práticas educativas, problematizando a condição juvenil dentro da escola e a condição docente na sociedade contemporânea, apontando alguns elementos que consideramos o fio condutor para a formação de professores na perspectiva de uma pedagogia da juventude.

### **O contexto do debate**

Os dilemas e desafios vivenciados pela instituição escolar e pela educação a partir da segunda metade do século XX têm sido definidos como uma crise de legitimidade da escola (CORREIA e MATOS, 2001); como reflexo das profundas mudanças que vêm afetando as sociedades ocidentais (DAYRELL, 2007); como um momento de mutação na educação (CANÁRIO, 2005) ou ainda como uma “etapa não apenas de estancamento, mas de regressão no campo educativo” (GADOTTI, 1992, p. 75). Seja qual for o paradigma utilizado para definir o momento vivido atualmente pela instituição escolar e pela educação, o que se tem tentado revelar é a situação de incongruência entre o que a sociedade espera da escola e o que a escola tem sido capaz de oferecer à sociedade. A situação parece se acirrar especificamente nas etapas mais avançadas do processo de escolarização, como defendem os que vêm apontando a forte tensão na relação dos jovens com a escola na contemporaneidade (CORREIA & MATOS (2001); DAYRELL, 2007). Em muitos desses debates em torno das questões educacionais, os jovens têm sido apontados como um dos grupos-alvo dos processos educativos para quem a incongruência com o universo da escola, e com a cultura escolar, tem se mostrado de forma mais eloquente. De acordo com Correia e Matos (2001), é na escola secundária que os conflitos se acirram, sobretudo, em razão das expectativas por parte da escola de que os jovens estejam mais “alunizados” que nos anos iniciais da escolarização e, portanto, que cumpram de forma mais “adestrada” seu papel de aluno, exigindo, por vezes, uma renúncia da sua condição juvenil.

Nos processos de formação de professores nas escolas, a categoria sujeito sociocultural parece não receber a atenção necessária. “É comum encontrarmos

educadores e gestores de programas sociais que nunca se perguntaram pela especificidade do jovem, pelas demandas próprias de seu processo de formação humana” (DAYRELL, 2005, p. 316). Isso retrata as dificuldades que o jovem enfrenta em seu processo de escolarização, relativas à invisibilidade dos seus traços propriamente juvenis encobertos, geralmente, pela condição de aluno. Essa invisibilidade do estudante como jovem, sujeito sociocultural que vivencia a condição juvenil, é perceptível na pouca consideração por parte da escola sobre as experiências desses sujeitos do portão da escola para fora, como trabalhadores, consumidores, produtores culturais, filhos e filhas, pais e mães, negros, brancos, homens, mulheres, homossexuais, heterossexuais.

A relação é, quase sempre, marcada pelo desconhecimento de suas identidades juvenis, seus sentimentos, dificuldades e projetos de vida. Esse desconhecimento tem provocado um forte distanciamento entre esses sujeitos: adultos/professores e alunos/jovens, especialmente nas últimas décadas, quando se verifica expansão do atendimento escolar à população juvenil das camadas populares. O reconhecimento do jovem como sujeito sociocultural implica a sua compreensão, como sujeito omnilateral, em sua totalidade, e traz implicações no sentido de desvelá-lo, buscando uma compreensão mais global de suas experiências pessoais, escolares e profissionais, tarefa a que a formação de professores, inicial ou continuada, não pode se furtar.

### **Condição juvenil e condição docente**

A compreensão da categoria juventude abarca dimensões múltiplas - biológicas, físicas, psicológicas e sociológicas - que são significadas de formas bastante diferentes em cada sociedade e, no seu interior, em cada grupo social. Desse modo, é importante que o processo de formação de professores se oriente para a compreensão da categoria “condição juvenil”, que é constituída de múltiplas dimensões que podem ser compreendidas a partir do contexto sociocultural mais amplo, no interior do qual os jovens vêm construindo suas experiências, o que imprime certas particularidades às vivências juvenis: tempo de tensão entre o presente e o futuro, de instabilidade e de incertezas (DAYRELL, 2007).

Além dessa perspectiva microssociológica, não podemos desconsiderar o contexto mais amplo em que se inserem esses jovens. As mudanças ocorridas na modernidade tardia têm provocado a alteração na forma de socialização das gerações

mais jovens, o que tem sido denominado por vários autores como desinstitucionalização das agências socializadoras, como a família, a escola e a igreja. A forma de socialização herdada de modelos passados parece envelhecida e não mais útil para a demanda dos jovens presentes no espaço escolar hoje. Com isso, não podemos esquecer que a cultura escolar é somente uma cultura entre outras, mais oficial e mais exigente, o que pode provocar uma queda de legitimidade ligada à situação de monopólio da instituição escolar.

Ao considerarmos o contexto atual, vemos que a escola passa a receber “um contingente de alunos cada vez mais heterogêneo, marcados pelo contexto de uma sociedade desigual, com altos índices de pobreza e violência, que delimitam os horizontes possíveis de ação dos jovens na sua relação com a escola” (DAYRELL, 2007, p. 3). Esse quadro evidencia que, quando conjugadas, as categorias juventude e escola parecem remeter para uma fórmula emblemática, visto que as demandas dos jovens na escola tomam dimensões múltiplas e as respostas nem sempre são satisfatórias, acentuando, por vezes, o fosso entre os anseios da escola com relação aos jovens e destes com relação à escola.

A formação de professores, tanto inicial como continuada, é vista como algo bastante complexo, com a co-ocorrência de valores, representações, atitudes, concepções e significações, além de posicionamentos políticos. Sabemos que a formação inicial, por si só, não pode transformar a globalidade da profissão docente. Acreditamos que a formação de professores em serviço possa ser um importante espaço de reflexão sobre o amplo contexto no qual a escola está inserida, bem como os aspectos socioculturais dos sujeitos envolvidos e implicados na prática educativa. Assim, a formação deveria provocar no docente um exercício reflexivo que o torne capaz de ver o jovem que há no aluno, compreendendo-o a partir da sua condição juvenil. Acreditamos que os processos de formação permanente dos docentes possibilitam-lhes desenvolverem-se como pessoas e profissionais, aperfeiçoando o seu ensino, visto que ocorrem no próprio local de trabalho, visando tanto ao desenvolvimento dos docentes quanto da própria instituição escolar (NÓVOA, 1995).

Os espaços de formação continuada buscam o entendimento da prática pedagógica e do trabalho escolar de maneira ampliada, tendo clareza das influências que, nessa prática, exercem o contexto escolar, as condições materiais de trabalho, bem como as condições sociais e econômicas a que estão submetidos esses profissionais.

Nesse sentido, ao se falar de formação de professores é preciso considerar o contexto institucional, em aspectos tais como a dualidade da formação profissional e formação geral; o desenvolvimento de propostas didático-pedagógicas alternativas; a democratização das relações sociais na escola, abrindo-a à participação dos jovens, dos pais e da comunidade; a revisão do currículo, tornando-o mais significativo para o jovem. Essas inovações impõem às lideranças educacionais novas formas de gestão escolar que possam repercutir positivamente nos resultados escolares.

A categoria docente é composta por sujeitos sociais, os docentes estão num processo de desenvolvimento profissional. São atores sociais que fazem, em parte, as escolas e os projetos de educação da juventude. Se os professores forem diferentes, os projetos desenvolvidos também o serão. Os professores têm um sistema próprio de atitudes e normas e enfrentam dificuldades e desafios no exercício de sua profissão. Essas experiências permitem um fazer-se e refazer-se, em um permanente construir-se. Nesse construir-se, cabe nos perguntar o que estaria na origem da profissão, independentemente da situação vivenciada pelo docente nas suas distintas configurações: professor leigo, rural, desta ou daquela disciplina, deste ou daquele nível de ensino ou tipo de instituição e, ainda, reconhecendo suas diversas experiências, histórias de vida e inserção sociocultural, entre muitos outros aspectos que particularizam essa categoria – o que constituiria o núcleo central da docência, sua fundação? O que funda essa condição é a relação social entre docente e discente, relação esta marcada por particularidades, pela diversidade e pela complexidade da modernidade tardia (TEIXEIRA, 2007).

A experiência docente na sociedade contemporânea, fundada na relação professor e aluno se diferencia daquelas vivenciadas em outros períodos históricos. Ela é marcada pela diversidade sociocultural. Os sujeitos jovens se fazem presentes. Não estão subsumidos nessa relação na denominação de alunos. As representações construídas pelos professores sobre as interações com os alunos interferem e até mesmo orientam sua prática pedagógica. Muitas vezes, as representações negativas advêm do contexto de exclusão e pobreza no qual se realiza a prática desse professor.

Essas representações advindas de construção imaginária de um tipo ideal de aluno, muitas vezes, provocam um desconhecimento dos sujeitos jovens reais, seus desejos, valores, sonhos e esperanças e/ou desesperanças quanto ao seu futuro, que repercute nas interações entre educadores e os alunos.

Assim, consideramos necessário pensar os sujeitos do processo educativo, professores e os alunos, bem como as representações sobre ambos. As diferentes imagens sobre os professores e o reconhecimento destes como sujeitos socioculturais nos alertam para a necessidade de não nos referirmos aos docentes como categoria única, com representações idênticas e homogêneas.

Temos ciência da complexidade da temática e de que o investimento apenas na formação de professores não poderá responder a todas as questões. Tal complexidade demanda políticas e ações relativas à distribuição de renda, à inserção no mundo do trabalho, às desigualdades escolares e ao atendimento à diversidade dos sujeitos, entre outras. Não é possível estabelecer uma relação direta entre a melhoria da qualidade do ensino e a melhoria do desempenho dos profissionais, por meio da formação.

Para Arroyo (2004), a melhoria da escola e do ensino requer a consideração e análise de uma trama de fatores: condições de trabalho do professor; formas de organização do trabalho no interior da escola que, muitas vezes, dificulta a formação em serviço; perda do controle do processo de trabalho pelo professor; baixo *status* da profissão; ausência de políticas efetivas de acesso e de promoção profissional, que acabam por influir na atuação do profissional.

### **Considerações finais**

A categoria docente é composta por uma diversidade de sujeitos singulares, sujeitos que não são apenas profissionais: são pessoas que vivem outras práticas e espaços sociais, seres inacabados, em processo de desenvolvimento pessoal e profissional. O profissional que está na sala de aula trabalha com suas emoções, seus gostos e desgostos, seus preconceitos, carências e desejos de realizações. As imagens construídas pelos docentes em relação aos sujeitos da relação educativa, os jovens, no caso do Ensino Médio, penetram o espaço escolar e as relações pedagógicas.

A formação de professores é, também, um espaço apropriado para questionar as imagens, muitas vezes estereotipadas sobre o jovem, pois esta não nos permite interrogar o sujeito “ao qual atribuímos determinadas características *a priori* e negamos o direito de fala, isto é, nos negamos escutar o que ele teria a nos dizer sobre si mesmo” (Spósito, 1999, p. 99).

É importante, ainda, não desconsiderarmos a condição docente e suas especificidades para que não caiamos na falácia de olhar apenas um dos lados dessa relação. A relação docente-discente é condição primeira para a construção de boas práticas educativas, e cuidar dessa relação é não só nosso dever, mas “nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente (...) que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por essa ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou adultos, que devemos lutar” (FREIRE, P. 1998, p.16/17).

### **Referências / Sugestões de leitura**

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. *In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro P. M. (Org.). Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional.* São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ARROYO, Miguel. *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres.* Petrópolis: Vozes, 2004.

CANÁRIO, Rui. A escola como construção histórica. *In: O que é a escola? Um olhar sociológico.* Porto: Editora Porto, 2005.

CORREIA, José A. Matos, Manuel (2001). "Da Crise da Escola ao Escolocentrismo". *In: Transnacionalização da educação: da crise da educação à “educação” da crise.* Porto: Edições Afrontamento, 342 p.

DAYRELL, Juarez. *Por uma pedagogia da juventude.* Belo Horizonte: Manuscrito, (s.d.).

DAYRELL, Juarez T. Juventude, grupos culturais e sociabilidade: comunicação, solidariedade e democracia. México. *Revista de Estudios sobre Juventud*, Ano 9, n. 22, jan/jun 2005.

DAYRELL, Juarez. A escola faz juventudes? Reflexões em torno da socialização da juventude. *In: VIEIRA, Maria Manuel (Coord.). Actores educativos: escola, jovens e media.* Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007.

GADOTTI, Moacir. *Diversidade cultural e educação para todos.* Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. RJ: Paz e Terra, 1998.

NÓVOA, A. (Org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

TEIXEIRA, Inês. Os professores como sujeitos sócio-culturais. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

TEIXEIRA, Inês. Da condição docente: primeiras aproximações teóricas. *Revista Educação e sociedade*. Campinas, 2007 v.28, n. 99, p. 426-444.